

Índice

Introdução de Italo Calvino	7
Foi assim	11

Eu disse-lhe: — Diz-me a verdade — e ele disse: — qual verdade — e desenhava apressadamente qualquer coisa no bloco e mostrou-me o que era, era um comboio muito, muito comprido com uma grande nuvem de fumo negro, com ele a debruçar-se da janela a dizer adeus com um lenço.

Disparei-lhe nos olhos.

Tinha-me pedido para lhe preparar o termo para a viagem. Fui à cozinha e fiz o chá, pus-lhe o leite e o açúcar e deitei-o no termo, enrosquei muito bem o copinho e depois voltei ao escritório. Então mostrou-me o desenho e eu tirei-lhe o revólver da gaveta da secretária e disparei. Disparei-lhe nos olhos.

Mas há muito tempo que eu andava a pensar que mais dia menos dia lhe faria aquilo.

Depois enfiei o impermeável e as luvas e saí. Tomei uma bica num café e comecei a andar sem rumo pela cidade inteira. Estava um dia frio e havia um vento ligeiro com sabor a chuva. Sentei-me num banco do jardim público e tirei as luvas e olhei para as minhas mãos. Tirei a aliança e meti-a na algibeira.

Fomos marido e mulher durante quatro anos. Ele dizia-me que me queria deixar, mas depois morreu a nossa filha e assim ficámos juntos. Ele queria que tivéssemos outro filho, dizia que me faria bem, por isso fazíamos amor frequentemente nos últimos tempos. Mas não conseguimos ter outro filho.

Dei com ele a fazer as malas e perguntei-lhe aonde ia. Disse-me que ia a Roma para decidir determinado processo com um advogado. Disse-me que eu podia ir para casa dos meus pais, assim não ficava sozinha em casa enquanto ele estava fora. Não sabia quando voltaria de Roma, dentro de quinze dias, dentro de um mês, não sabia bem. Eu pensava que talvez não voltasse. Fiz também as malas. Ele disse-me para levar alguns romances para ler e não me aborrecer. Tirei da estante *A Feira das Vaidades* e dois livros de Galsworthy e meti-os na mala.

Disse-lhe: — Diz-me a verdade, Alberto — e ele disse: — Que verdade — e eu disse: — Vão embora juntos — e ele disse: — Quem juntos. — E disse: — Andas sempre a magicar e dás cabo da tua própria alma ao imaginar tantas coisas horríveis, e assim não tens sossego e não dás sossego aos outros.

Disse-me: — Apanha a camioneta que chega às duas a Maona — e eu disse: — Sim.

Olhou para o céu e disse-me: — É melhor vestires o impermeável e calçares botas para a chuva.

Disse-lhe: — Prefiro saber a verdade de qualquer maneira — e ele começou a rir e disse:

Verdade vai procurando, que é tão cara,
Como sabe quem por ela a vida rejeita.

Fiquei sentada naquele banco não sei quanto tempo. O jardim público estava deserto, os bancos estavam húmidos do nevoeiro e o chão estava coberto de folhas murchas. Comecei a pensar no que iria fazer. Dizia para comigo que daí a pouco ia à Polícia. Tentaria explicar mais ou menos como as coisas se tinham passado, mas não ia ser fácil. Era preciso começar pelo primeiro dia, desde que nos conhecêramos em casa do doutor Gaudenzi. Tocava piano a quatro mãos com a mulher do doutor Gaudenzi e cantava umas cantiguinhas em dialeto. Olhava-me. Fez um desenho a lápis da minha cara no bloco. Disse-lhe que achava que se parecia comigo, mas ele disse que não e rasgou a folha. O doutor Gaudenzi disse:

— Nunca sabe fazer o retrato das mulheres que lhe agradam. — Deram-me um cigarro para fumar e divertiram-se a ver como os meus olhos lacrimejavam. O Alberto acompanhou-me à pensão e perguntou-me se podia voltar no dia seguinte para me visitar e para me trazer um romance francês de que me falara.

Veio no dia seguinte. Saímos juntos e passeámos um pouco e depois fomos a um café. Olhava-me com os olhos alegres e brilhantes e eu pensava que se calhar ele estava apaixonado por mim. Como ainda não me tinha acontecido ser amada por um homem estava muito contente e teria ficado não sei quantas horas com ele no café. Fomos ao teatro à noite e vesti o vestido mais bonito que tinha. Um vestido de veludo grená que a minha prima Francesca me oferecera.

A Francesca também estava no teatro, atrás de nós, e fez-me sinal. No dia seguinte, quando fui almoçar a casa dos tios, a Francesca perguntou-me: — Quem era aquele velho. — Que velho — digo-lhe. Ela disse-me: — Aquele velho do teatro. — Então disse-lhe que era um que andava a fazer-me a corte mas eu não estava nada interessada.

Quando ele voltou a visitar-me na pensão, olhei bem para ele e não me pareceu assim tão velho. A Francesca chama sempre velho a todos. Mas eu não gostava dele e ficava muito contente quando ele me vinha visitar à pensão somente porque me olhava com uns olhos tão alegres e brilhantes, e dá prazer haver um homem a olhar assim para nós. Pensava que talvez ele estivesse muito apaixonado por mim, pensava «Coitadinho» e imaginava que me ia pedir para casar com ele, nas palavras que me ia dizer. Então eu dizia-lhe que não e ele perguntava se podíamos ficar amigos e continuava a levar-me ao teatro e uma noite havia de me apresentar a um amigo mais novo que se ia apaixonar por mim e eu casava com esse amigo. Teríamos muitos filhos e o Alberto viria visitar-nos e traria um grande *panettone* no Natal e ficaria contente mas um pouco melancólico.

Imaginava muitas coisas deitada em cima da minha cama na pensão e pensava que bom seria se me casasse e tivesse uma casa

para mim. Imaginava como seria a minha casa com mil pequenos objetos elegantes e plantas verdes, e imaginava-me a bordar lençinhos reclinada numa grande poltrona. O homem com quem havia de casar tinha ora uma cara ora outra, mas a voz era sempre a mesma e ouvia dentro de mim aquela voz repetindo sempre as mesmas palavras irónicas e ternas. Era uma pensão tétrica com tapeçarias escuras, e no quarto ao lado do meu estava a viúva de um coronel que batia na parede com uma escova de todas as vezes que eu arredava uma cadeira ou abria a janela. De manhã tinha de me levantar cedo e correr para a escola onde ensinava. Vestia-me muito depressa, comia um pãozinho e aquecia um ovo no fogareirinho a álcool. A viúva do coronel batia furiosamente com a escova enquanto eu andava pelo quarto procurando a roupa e a filha da dona que era histérica gritava como um pavão na casa de banho porque a obrigavam a tomar uns certos duches quentes que a deviam acalmar. Atirava-me para a rua e enquanto esperava pelo elétrico na manhã gelada e deserta divertia-me a inventar muitas histórias estranhas que me aqueciam e assim por vezes chegava à escola com uma expressão absorta e aluada que devia ser bastante cómica de ver.

A uma rapariga dá muito prazer pensar que talvez um homem esteja apaixonado por ela, e então mesmo que ela não esteja apaixonada é um pouco como se o estivesse e torna-se muito mais bonita com os olhos a brilhar e o passo ligeiro e a voz mais leve e mais doce. Antes de conhecer o Alberto, eu pensava muitas vezes que ficaria sempre sozinha porque me sentia tão desenhada e sem atrativos, porém quando o encontrei ele parecia estar apaixonado por mim e então dizia para comigo que, se lhe agradava a ele podia agradar a outro, quem sabe ao homem de voz irónica e doce que falava dentro de mim. Esse homem tinha ora uma cara ora outra, mas sempre costas largas e fortes e umas mãos avermelhadas e um pouco desajeitadas e uma maneira deliciosa de se divertir à minha custa quando voltava para nossa casa à noite e me encontrava instalada na poltrona a bordar lenços.

Quando uma rapariga está muito só e leva uma vida bastante monótona e cansativa com poucos trocos no bolso e luvas gastas, corre atrás de muitas coisas com a imaginação e fica sem defesa perante os enganos e os perigos que a imaginação prepara todos os dias a todas as raparigas. Presa fácil e sem defesa da imaginação, eu lia Ovídio numa vasta sala de aula fria a dezoito rapariguinhas e comia na tétrica sala de jantar da pensão olhando para além dos vidros pintados de amarelo e esperava que o Alberto viesse buscar-me para ir a um concerto ou passear. Na tarde de sábado subia para a carreira em Porta Vittoria e ia até Maona. Regressava no domingo à noite.

O meu pai é o médico titular de Maona há mais de vinte anos. É um velho alto, gordo e ligeiramente coxo que anda apoiado a uma bengala de madeira de cerejeira. No verão usa um chapéu de palha com uma fita preta e no inverno usa um barrete de castor e um sobretudo debruado a castor. A minha mãe é uma mulher pequenina com um grande novelo de cabelos brancos. Chamam pouco o meu pai porque é velho e se mexe com dificuldade, em vez dele chamam o médico de Cavapietra que tem uma motocicleta e estudou em Nápoles. O meu pai e a minha mãe passam os dias na cozinha a jogar xadrez com o veterinário e o assessor municipal. Eu quando chegava a Maona ao sábado sentava-me perto do fogão e ficava ali o domingo inteiro até à hora de partir de novo. Assava ao pé do fogão e dormitava inchada de polenta e de sopa sem dizer uma palavra sequer, e o meu pai entre uma partida e outra de xadrez contava ao veterinário que as raparigas modernas perderam o respeito e não dizem sequer uma palavra daquilo que fazem.

Quando estava com o Alberto falava-lhe do meu pai e da minha mãe e contava-lhe como tinha sido a minha vida em Maona antes de vir ensinar para a cidade, contava-lhe de quando o meu pai me batia nas mãos com a bengala e eu ia chorar para o quartinho do carvão ou quando escondia *Escrava ou Rainha* debaixo da colcha para ler à noite ou de quando íamos ao cemitério, eu o meu pai e a criada e o assessor municipal pela estrada que